



## RESENHA

### O DISCURSO ESTÉTICO (E POÉTICO) NA CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES<sup>1</sup>

*José Augusto Simões de Miranda<sup>2</sup>*

---

GONÇALVES, J. C.; GARANHANI, M. C.; GONÇALVES, M. B. (Orgs.). **Linguagem, corpo e estética na educação**. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 2020. 254 p. ISBN: 978-65-86039-28-3

---

“Linguagem, corpo e estética na educação” é uma coletânea de textos que surgiu da iniciativa de docentes da linha de pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação (LICORES), do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE/UFPR). A proposta da obra é discutir diferentes olhares para o discurso e a formação estéticos.

Na primeira parte da obra, intitulada “Licores pelo mundo: perspectivas internacionais de pesquisa em linguagem, corpo e estética”, há três ensaios. Em “Aprender o impalpável: sobre o ensino de yoga”, David Le Breton discute o corpo como ideia de movimento. As experimentações que uma criança tem desde a tenra infância são atravessadas pelo corpo, assim como as mediações nas relações sociais (por um adulto) para que ela se desenvolva — dentro de um espaço inacabado, onde a (des)aprendizagem transforma. De acordo com o autor, esse adulto é um mestre, que oferece possibilidades a fim de que o mestrando pense criticamente sobre elas. O autor faz uma associação da aprendizagem e do mestre com a yoga — que tem uma atenção especial com o corpo e com a consciência desperta para o mundo. Tanto o aluno de yoga como o mestrando podem ser livres, decidirem e estarem abertos a outras formas de (des)aprendizagem.

No ensaio “Minha história da arte”, Jean-Frédéric Chevallier aborda diferentes processos estéticos. O primeiro é o “regime icônico das artes”, em que o autor assemelha a arte sagrada. No segundo momento, chamado “regime figurativo das artes”, ele discute a arte representacional (ou figurativa e crítica)

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> Doutorando e Mestre em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGI/UFSC). Florianópolis-SC, Brasil. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0057-1685>. E-mail: joseaugustosimoedemiranda@gmail.com



da sociedade. O terceiro momento se chama “regime impressionista-expressionista da arte” e é caracterizado por uma liberdade do artista moderno — em que suas impressões pessoais sobre o mundo são levadas em consideração. Num quarto momento, o “regime de apresentação de arte”, percebe-se um divisor de águas, pois há um diálogo maior com o espectador — que participa, opina e, segundo o autor, torna-se um poeta —, despertando uma capacidade estética, crítica e política.

“Onde a cultura autoriza uma história: pontos de vista da estética na educação — um ensaio equatoriano” é o título do terceiro capítulo, em que Carla Saul Garcia Marcelino levanta possibilidades para uma educação estética e apresenta a contribuição de Benjamin Carrión Mora, que “eternizou seu trabalho fundando a Casa de Cultura Equatoriana, uma organização a nível nacional, posteriormente batizada com seu próprio nome” (p.55). O trabalho deu início no Equador de 1944 e o escritor contribuiu para uma transformação artística e decolonial considerada ousada na época — como a preservação da herança indígena e comunitária e o desenvolvimento de diferentes representações artísticas.

Na segunda parte, intitulada “Licores Curitibanos: objetos de investigação de uma linha de pesquisa”, há oito ensaios. No primeiro, intitulado “Teatro, Linguagem e Educação: (cor)possibilidades Bakhtinianas”, Jean Carlos Gonçalves apresenta os diálogos do teatro com a linguagem e a educação. O autor aponta que a perspectiva dialógica de Bakhtin perpassa diferentes lugares, áreas e sujeitos na educação — como espaços institucionais, atores educacionais, metodologias, que dialogam entre si no processo de ensino-aprendizagem. A partir dessa interação, a constituição do sujeito é (re)criada por meio de enunciados que afetam comunidades discursivas. Segundo o autor, as diferentes vozes percebidas nesse processo de formação de sujeitos abrangem outras esferas do saber, em que áreas distintas dialogam em suas pesquisas — como o teatro, a linguagem e a educação, que têm ganhado visibilidade entre pesquisadores no Brasil.

No segundo ensaio, “Notas sobre a educação do corpo da criança em movimento”, Marynelma Camargo Garanhani e Déborah Helenise Lemes de Paula apresentam a relação do corpo com a criança em contextos sociais.



Quando se referem ao corpo, elas apontam a sua composição biológica na formação de sujeitos culturais. A criação e a manutenção do corpo em movimento são interpretadas pelo outro, em que significados são apreendidos. No texto, uma vez que as autoras estão falando de corpo em movimento, elas ampliam o conceito de linguagem para possibilidades não-verbais, em que a semiótica entra em cena e a linguagem gestual a representa. Assim, na educação infantil, a percepção de sensações e a expressão da linguagem por meio do corpo, são observadas a partir de gestos das crianças e interpretadas pelo outro — que escuta e lê.

A pesquisa de Michelle Bocchi Gonçalves e Jair Gabardo Júnior, intitulada “Educação performativa: travessias”, discute os Estudos da Performance e as possibilidades de novas práticas sociais, das quais novas vozes se tornam ativas. Em diferentes atividades da esfera humana, veem-se performances de atores educacionais distintos — como o professor e o aluno. Segundo os autores, a não-fixação dessas representações sociais — em que sujeitos estão em movimento e se conscientizam de sua expansão, não se limitando ao ensino-aprendizagem de conteúdos, por exemplo — oferece novas possibilidades de transformação que incluem vozes marginalizadas — comumente ignoradas por uma educação conservadora. Dessa forma, ao olhar o corpo como performance, diferentes sujeitos podem — por meio de uma postura ativa, crítica e resistente — ressignificar espaços (não)institucionais e simbólicos, assim como velhas práticas escolares — através do engajamento em discussões de cunho político e social.

Em “Perspectivas contemporâneas de pesquisa em linguagem: processos de subjetivação, ideologias e instrumentos linguísticos”, Deise Cristina de Lima Picanço aborda o processo de produção de subjetividades, que pode ser formada a partir de repetições e hábitos, por exemplo e, dessa forma, padrões e “verdades” são construídos. É importante salientar que a provisoriade na construção da subjetividade — em que novas “identidades” (res)surgem — é uma condição inerente a sujeitos que estão inseridos em efêmeros e vulneráveis contextos políticos e sociais. A linguagem é vista como um elemento protagonista na formação de sujeitos — seja por meio da escuta numa sala de



aula, na leitura de livros ou no discurso midiático, por exemplo — e pode contribuir para instaurar, manter e mudar uma ordem de discurso.

No ensaio “A educação, a dança e a pedagogia da ubiquidade: reflexões sobre o corpo e[m] ações [vídeo]dançantes”, Cristiane Wosniak investiga a possibilidade de estar em diferentes lugares ao mesmo tempo por meio de tecnologias digitais. Com relação à proposta de seu objeto — vídeos dançantes —, a autora analisa o corpo em movimento e a sua captura por câmeras digitais, que produzem imagens dinâmicas a partir de edições. Nessas (séries de) imagens, subjetividades são afetadas e os dançarinos podem perceber novas relações com seus corpos. Apesar das limitações de diversos aspectos que professores têm em suas aulas, a autora argumenta que o uso do celular em salas de aula de conhecimento em dança deve ser uma proposta viável, assim como a revisão de currículos escolares para diferentes processos de construção de sentido.

Bárbara Yuri Katahira, Júlio César David Ferreira e Odisséa Boaventura de Oliveira são as autoras de “A linguagem na formação de professores de ciências: uma reflexão a partir da relação ciência-arte” e discutem o importante diálogo entre a ciência e a arte. Enquanto a ciência é comumente observada por um fazer objetivo, em que se pretende revelar a “verdade”; a arte — em suas diversas representações — tem um caráter subjetivo e polissêmico. A partir dessas divergências, os autores argumentam sobre a necessidade da problematização de “verdades” e objetividades do fazer científico, uma vez que a curiosidade do cientista é inerente aos processos de produção de subjetividade que perpassam funções criativas e imaginárias. Assim, os autores propõem um diálogo entre essas duas áreas a fim de que professores de ciência promovam projetos com práticas de produção artística e, dessa forma, diferentes atores educacionais podem se beneficiar de toda uma polissemia que emerge do universo científico-cultural.

No sétimo capítulo, intitulado “O corpo e a cidade: um verão em Portugal”, Simone Rechia aborda a relação do corpo (em movimento) com práticas sociais em espaços públicos — que incluem diversas programações culturais e atividades físicas —, a fim de que o lazer e os corpos que o compõem sejam normatizados e controlados para atender a um “modelo civilizatório”, em



que demandas econômicas, políticas, morais e sociais são ouvidas e uma ordem de discurso instaurada. Segundo ela, dentro dessas demandas, sujeitos são disciplinados a cuidar de seus corpos e a reproduzir a beleza padrão com a premissa do “bem-estar” físico. Assim, corpos que resistem a esses modelos se tornam marginalizados. Percebe-se também um caráter paradoxal nessas cidades — de um lado a promessa do lúdico e do amistoso e do outro um efeito disciplinar e discriminatório.

No último capítulo dessa parte, “Pesquisar a diferença em linguagem, corpo e estética: alguns apontamentos”, Cláudia Madruga Cunha e Leomar Peruzzo discutem a filosofia da diferença de Deleuze, que consiste na liberdade, na criatividade, na não identificação, em que o filósofo apresenta o poeta como um possível representante dessa diferença, pois a afirma por meio de sua potência criadora e de sua natureza sensível. Não somente o poeta pode ter essa percepção da não identidade, mas também, como os autores apontam, o pesquisador, o médico, o professor. Dessa forma, é papel do educador estimular corpos sensíveis e criativos, sem o intuito de extinguir “identidades”, mas sim questionar suas hierarquias e relações de poder, assim como outros moldes políticos, sociais e educacionais.

Na parte III, intitulada “Licores à Brasileira: outros olhares”, há três ensaios. No primeiro, “Formação estética e suas [in]definições: do estético ao poético”, Marcelo de Andrade Pereira e Gilberto Icle criticam a falta de uma ampla formação estética em termos conceituais, que afeta o fazer científico. Eles argumentam que a formação estética está mais preocupada com a sensibilidade do que com outras discussões que envolvem seus processos cognitivos por exemplo, assim como afirmam que a experiência estética não é exclusiva da arte — e nem mesmo ela pode garanti-la —, mas sim de uma ruptura no cotidiano, em que sensibilidades podem ser experimentadas. Segundo eles, o verniz romântico visto na arte, por meio de uma cultura erudita, exclui sujeitos que não participam ou não tem acesso a essa elite cultural. Eles também diferenciam formação estética — (meramente) de ordem cultural — de formação de sensibilidades — em que o poético entra em cena e perpassa o ordinário cotidiano.



Em “O corpo brincante da criança”, Luciane Oliveira de Rosa e Valéria Silva Ferreira problematizam o corpo “empreendedor em si” da criança. Segundo elas, a criança é comumente subjetivada com valores voltados para a economia do mercado e são objetos da biopolítica, em que produzir e ser útil prevalecem a uma potência criativa. Nesse cenário, atores sociais e educacionais participam na manutenção dessa lógica neoliberal que, de acordo com as autoras, produzem sujeitos alienados e o estímulo da criticidade é rapidamente suprimido. Ao problematizar esse contexto, elas reivindicam uma mudança educacional e social, a fim de que a infância empreendedora seja substituída pela infância brincante e criativa.

No último ensaio, intitulado “A escrita como revelação: um breve estudo da autoria”, Cláudia Garcia Cavalcante discute como dois escritores enxergam seus processos criativos. No excerto do primeiro escritor, Valter Hugo Mãe, a autora destaca a relação que ele percebe — ao “colocar-se fora da cena” — que tem com o leitor, quando ambos são surpreendidos com o texto pronto. Com relação à análise do texto do segundo escritor, Cristovão Tezza, a autora apresenta excertos em que ele diferencia o texto científico da prosa ficcional. Para isso, ela discute conceitos de Bakhtin — o autor-pessoa, que assina a obra, é o exemplo do escritor de texto científico e o autor-criador, que constitui o objeto estético, é visto em textos ficcionais. Assim, ela argumenta que as reflexões entre criador e objeto de criação colocam o escritor diante de seu texto, a fim de complementar o processo de construção da escrita.

Ao longo do livro, percebi que os ensaios dialogam entre si, apesar de suas diferenças teóricas e epistemológicas. A obra oferece contribuições significativas para diferentes atores sociais que, de forma direta ou indireta, atravessam o universo da linguagem, da estética e da educação. Em sociedades cada vez mais interessadas em produzir corpos-máquinas dentro de uma lógica neoliberal, que começa pela escola e perpassam diversos contextos e práticas sociais, as discussões levantadas nesse livro se fazem urgentes, pois despertam a sensibilidade e o senso crítico para outras possibilidades sociais, políticas e humanas.

Recebida em: 17 de junho de 2022.  
Aprovada em: 10 de julho de 2022.  
Publicada em: (28 de julho de 2022.

